

EDUCAÇÃO, POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL

A iniciativa EPDS
na Universidade de
Brasília (2017-2018)

Volume 1: Reflexões

Organização:

Alexandre Simões Pilati
Cynthia Bisinoto
Natalia de Souza Duarte
Silvia Cristina Yannoulas

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira
Fernando César Lima Leite
Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
Carlos José Souza de Alvarenga
Estevão Chaves de Rezende Martins
Flávia Millena Biroli Tokarski
Izabela Costa Brochado
Jorge Madeira Nogueira
Maria Lidia Bueno Fernandes
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos
Verônica Moreira Amado

EDUCAÇÃO, POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL

A iniciativa EPDS
na Universidade de
Brasília (2017-2018)

Volume 1: Reflexões

EDITORA



UnB

Coordenadora de produção editorial
Diagramação

Equipe editorial

Luciana Lins Camello Galvão
Wladimir de Andrade Oliveira

© 2019 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada ou
reproduzida por qualquer meio sem a autorização
por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

E24 Educação, pobreza e desigualdade social : a iniciativa EPDS na
 Universidade de Brasília (2017-2018) [recurso eletrônico] /
 organização: Alexandre Simões Pilati ... [et al.]. – Brasília :
 Editora Universidade de Brasília, 2020.
 2 v.

Formato PDF.

v. 1. Reflexões – v. 2. Mediações.

ISBN 978-65-5846-048-0 (v. 1)

ISBN 978-65-5846-049-7 (v. 2)

1. Educação. 2. Desigualdade social. 3. Pobreza. 4.
Universidade. I. Pilati, Alexandre Simões (org.).

CDU 37.014

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

7

**O Curso de
Aperfeiçoamento
Educação, Pobreza e
Desigualdade Social na
Universidade de Brasília –
IEPDS UnB (2017/2018)**

Alexandre Pilati

**O CURSO
EPDS NO DF:
CONQUISTAS
E DESAFIOS**


15

*Leila D'Arc Sousa
Natalia de Souza Duarte*

40

**PERFIL DOS/AS
CURSISTAS
EPDS COMPARADO:
EPDS/UFSC E EPDS/UNB**

*Adir Valdemar Garcia
Adriano Vinício da Silva do Carmo
Rafael Monteiro da Silva*



**CONDICIONALIDADES
DOS PROGRAMAS DE
TRANSFERÊNCIA DE RENDA
E COMPREENSÕES DOS
CURSISTAS EPDS NO DF**

85

Rosa Helena Stein

151 **O DIREITO HUMANO
À ALIMENTAÇÃO
ADEQUADA E A
ALIMENTAÇÃO
ESCOLAR NO
DISTRITO FEDERAL**

Camila Potyara Pereira

**A LITERATURA
CIENTÍFICA SOBRE
EDUCAÇÃO, POBREZA E
DESIGUALDADE SOCIAL –
DUAS DÉCADAS DE
PRODUÇÃO ACADÊMICA
BRASILEIRA SOBRE EPDS**

180

*Silvia Cristina Yannoulas
Gabriela Fogaça Alves Pinheiro*

232 **SOBRE OS AUTORES**



APRESENTAÇÃO

O Curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social na Universidade de Brasília – IEPDS UnB (2017/2018)

Alexandre Pilati

A IEPDS UnB (2017/2018) e as contradições nacionais

Este livro reúne reflexões derivadas de pesquisas realizadas no âmbito da Iniciativa do curso de Aperfeiçoamento Educação, Pobreza e Desigualdade Social na Universidade de Brasília **IEPDS UnB (2017/2018)**, realizada entre julho de 2017 e dezembro de 2018. A iniciativa foi fruto de uma parceria entre o Ministério da Educação – MEC, através da extinta Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), e a Universidade de Brasília – UnB, através do Decanato de Extensão (DEX).

A obra apresenta cinco artigos de professores e pesquisadores que estiveram envolvidos com a **IEPDS UnB (2017/2018)** dando sequência a pesquisas que abordam uma ampla gama de assuntos relacionados com a temática central das relações entre educação, pobreza e desigualdade social. Trata-se de um conjunto precioso de reflexões, de alta relevância para os estudiosos da temática, mas também importante e acessível para os gestores públicos, os profissionais da educação, do serviço social e das ciências sociais.

Vale sublinhar que o que se tem em mãos são textos de incomum rigor acadêmico, mas que também estão indiscutivelmente vinculados ao chão histórico nacional, sendo, desse modo, reveladores de contradições expressivas de nossa realidade. Os textos tornam algumas dessas contradições mais visíveis e facultam uma melhor abordagem da temática seja pelo professor, seja pelo gestor, seja pelo pesquisador acadêmico. É talvez o maior mérito do livro a maneira como os artigos entranham-se cientificamente em problemas da nossa realidade tantas vezes sonogados ou abordados de modo simplista, e ali buscam extrair um significado transformador, sem o qual não se avança, nem cientificamente, nem socialmente.

Sendo o Distrito Federal uma unidade da federação peculiar, as reflexões sobre educação, pobreza e desigualdade social e a própria realização **IEPDS UnB (2017/2018)** ganham ainda mais interesse, pela matéria que oferecem a novas pesquisas e problematizações de nossa realidade social. Apesar de ter destaque nas avaliações de Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, o Distrito Federal convive com a contradição absurda da coexistência de regiões administrativas que, distando poucos quilômetros entre si, expressam um altíssimo IDH e um baixíssimo IDH. É o que ocorre, por exemplo, quando se contrastam os dados de IDH da Cidade Estrutural e do Lago Sul. A interpelação que deveríamos fazer a nós mesmos enquanto membros da sociedade do DF é o quanto estamos trabalhando para que tal iniquidade seja superada.

Ajuda a pensar nessa iniquidade e em suas consequências para o futuro da escola, da educação e do país um fato aferido na análise do perfil dos cursistas da **IEPDS UnB (2017/2018)**. Trata-se da precarização do trabalho docente, que se pode constatar pela grande quantidade de cursistas professores de escolas das redes pública e particular do DF que possuem um vínculo precário de trabalho. Constata-se, assim, que a pauperização é um elemento real e abrangente quando se fala do setor da educação básica. Para que se tenha ainda mais clareza da realidade da pobreza nas escolas do DF, lembremos que, segundo dados de 2017, aproximadamente 33% dos seus estudantes de ensino básico vinham de famílias

beneficiárias do Programa Bolsa Família. Vê-se, pois, que a pobreza é um fato inescapável ao cotidiano escolar, embora nem sempre visibilizado e nem tratado com a devida importância, dada a força dos estigmas sociais que o cercam.

Na contramão da presença incontestada e ignominiosa da pobreza na sociedade brasileira e na escola do Distrito Federal, o que se constata em grande medida no cotidiano escolar é uma tendência à invisibilização do assunto. Como verão a leitora e o leitor, vários são os motivos para essa invisibilização. Para os que trabalham com formação de professores, um desses motivos chama, para além de todos os outros, muita atenção: praticamente inexistência dessa temática nos cursos de formação de professores do Brasil. Assim, **IEPDS UnB (2017/2018)** cumpriu um importante papel de intervenção política, à medida em que deu visibilidade a essa lacuna e procurou tocá-la ainda que com os limites temporais e estruturais de sua oferta.

É pela urgente necessidade de não se subestimar o impacto da pobreza na formação e na vida de professores e de estudantes que o campo de pesquisas na temática precisa ser sempre fortalecido, através de incentivos governamentais que possam tornar contínuo o seu aperfeiçoamento, para uma melhor definição de problemas. É com vistas a uma maior visibilização da pobreza que neste livro apresentamos temáticas como as do direito à educação e à alimentação de qualidade, das condicionalidades dos programas de transferência de renda, do perfil dos cursistas e das especificidades da **IEPDS UnB (2017/2018)** e do mapeamento adensado do campo investigações em franca consolidação no país. A esse respeito merece destaque especial a atuação precursora do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Discriminação do Departamento de Serviço Social da UnB – TEDis/SER/UnB, coordenado pela Profa. Silvia Cristina Yannoulas (Serviço Social/UnB), cujas pesquisas oportunizaram a fundamentação do projeto político-pedagógico da Iniciativa EPDS nacional em termos de formação docente, pesquisa e extensão.

Em linhas gerais, o conjunto de artigos aqui apresentados toca em grandes temas indispensáveis para que se consubstancie de fato um projeto nacional integrador e capaz de efetivamente avançar em termos de ampliação de direitos e segurança social. Veja-se, por exemplo, como é subliminar a todos os escritos (e mesmo explícito em alguns deles) a contradição entre o aparato formal da democracia brasileira e a forma como os direitos democráticos dos cidadãos são garantidos na prática. Essa contradição, aparentemente insolúvel graças à radicalidade com que os componentes históricos da iniquidade se gravaram em nossa matéria nacional, aponta para o fato de que, num país como o Brasil o olhar técnico sobre a pobreza não poderá jamais toldar a necessidade do olhar político, que se fixa no questionamento das razões históricas que explicam a sua origem e sua participação. E isso tem a ver, sem dúvida alguma, com a estruturação, historicamente determinada, da interação progressiva das elites com os pobres do país: aquelas sempre pronta a replicar a condição política de desorganização, a todo custo, das bases sociais populares, as quais interessam a estes enquanto sujeitos de direito.

A IEPDS UnB (2017/2018) e o papel da extensão universitária

Por força das circunstâncias, coube ao Decanato de Extensão da Universidade de Brasília (DEX/UnB) a gestão do curso. Com a disposição da Decana de Extensão Olgamir Amancia Ferreira e do então Diretor Técnico de Extensão Prof. Marcio Florentino, a oferta do curso de aperfeiçoamento em parceria com o MEC/SECADI tornou-se possível, apesar de alguns contratemplos e dificuldades inerentes ao trabalho da gestão universitária, especialmente se consideramos a conjuntura brasileira.

A oferta através do DEX/UnB da **IEPDS UnB (2017/2018)**, nos moldes como se configurou, levou-a a um lugar privilegiado no contexto da Universidade de Brasília, qual seja: o da extensão. É nesse âmbito extensionista, que preserva e incentiva a vocação interdisciplinar da universidade, e que é sempre

articulado ao ensino e à pesquisa que se oportuniza o necessário diálogo com a sociedade, por sua vez criador de conhecimento com vínculo social.

Vale recuperar aqui o conceito de Extensão defendido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras – FORPROEX, que orienta a política de extensão da UnB. Segundo esse enfoque, a extensão é um “processo acadêmico definido e efetivado em função das demandas sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade e da proposta pedagógica dos cursos, coerente com as políticas públicas e, indispensável à formação cidadã”. Esta deve ser, portanto, uma ação que se reconfigura em programas e projetos para ser algo além de um canal de comunicação anódino, de legitimação de saberes hegemônicos ou de prestação assistencialista de serviços. A extensão que desejamos e precisamos construir é um espaço também de elaboração de conhecimento, portanto, processo dialógico, crítico, reflexivo, educativo, científico, interdisciplinar e emancipatório, sempre articulado ao ensino e à pesquisa.

Basta atentar para esse modo de conceber a extensão para percebermos que a **IEPDS UnB (2017/2018)** tem claramente uma vocação extensionista radical, no melhor sentido do termo, pois está assentada no princípio da interdisciplinaridade e na indissociabilidade com as esferas do ensino e da pesquisa, contando ainda com o horizonte último da transformação social.

A área de extensão, assim, goza de um espaço privilegiado na Universidade Brasileira. Um espaço, entretanto, que ainda está por se conquistar ou por se construir. E ações como **IEPDS UnB (2017/2018)** são importantes motores dessa construção. Boaventura de Sousa Santos afirma, em um trabalho de referência a respeito da Universidade no século XXI, que:

“A área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial. No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a Universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da Universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no curriculum e nas carreiras dos

docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às Universidades uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural.”

É este o desafio que está posto como agenda incontornável das instituições de ensino superior brasileiras.

A IEPDS UnB (2017/2018): emancipação e invenção concreta da esperança

Ninguém se desvencilha de seu lugar e seu momento histórico apenas por pura vontade pessoal. Vivemos nosso tempo histórico e não outro. Este é caracterizado pelo acúmulo de construções anteriores da humanidade e também pelas possibilidades materiais de sua superação.

Nesses termos, as noções de pobreza e de desigualdade social não podem ser desconectadas dessa instância onde a vida verdadeira acontece que é o tempo presente da História. E caracteriza o nosso tempo uma contradição fundamental, que dessa forma está expressa por Antonio Candido num texto seminal para os estudos do direito à cultura e à educação:

“Em comparação a eras passadas chegamos a um máximo de racionalidade técnica e do domínio sobre a natureza. Isso permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas materiais do homem, quem sabe inclusive o da alimentação.

No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida frequentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. Assim, com a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluimos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos

bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria.”

Conceber criticamente as noções de pobreza e de desigualdade nos impele a considerá-las de modo desnaturalizado, como produções sistêmicas, e, portanto, não como fatos que ocorrem graças aos traços individuais. A riqueza no capitalismo, como fato histórico, não é o antípoda da pobreza. A riqueza neste sistema é, isto sim, a causa da pobreza, como fato histórico. A desigualdade social no capitalismo não é um defeito do sistema, mas é o modo segundo o qual ele é capaz de se reproduzir e de sonhar em se perpetuar em termos globais.

Acreditar nas condições históricas, todavia, é acreditar que elas são transformáveis e, portanto, não são fruto ou consequência de um destino fatal da humanidade. Acreditar e pensar o mundo a partir das suas contradições materiais é reconhecer que são as próprias contradições da história que nos podem fazer caminhar para o sentido de sua superação e que o futuro é algo em aberto, como gostava de dizer Paulo Freire.

Nesse quadro é que se vislumbra a noção de emancipação humana para a qual podem contribuir de modo muito agudo iniciativas que discutem criticamente as mais profundas contradições do sistema capitalista. Karl Marx, talvez aquele que foi mais capaz de adentrar os meandros do sistema capitalista e por em xeque as suas principais leis, apostava que o conhecimento da realidade material serve à emancipação. Para ele o conhecimento crítico que está empenhado na tarefa maior de transformar as contradições da história em favor de quem sofre o sistema. Dizia ele num texto de juventude em que o tema principal é a alienação: “A crítica arrancou as flores imaginárias que enfeitavam as cadeias, não para que o homem use as cadeias sem qualquer fantasia ou consolação, mas para que se liberte das cadeias e apanhe a flor viva.” Noutras palavras: a verdadeira crítica do mundo não leva ao desconsolo, mas à possibilidade de construção de uma nova imagem do existente: livre do reino do Capital.

A tarefa de qualquer um/uma que lide com a educação é ter em mente que sua ação é transformadora do existente. E que é ação transformadora exatamente porque entranhada radicalmente nas condições que a história nos oferece. Tenho certeza de que, os que participamos da **IEPDS UnB (2017/2018)**, estamos mais capacitados, após atravessar a experiência desse curso e das reflexões que geraram os textos deste livro, a encarar a realidade brasileira com mais lucidez e menos mistificação. Enxergando melhor as cadeias que nos constroem no dia a dia, conforme vemos nas palavras de Marx, não estamos apenas aparatados para a compreensão crítica do existente, mas também para a invenção concreta da esperança.

Temos todos conjuntamente uma tarefa neste tempo histórico: contribuir para que o Brasil se desenvolva através de um projeto nacional capaz de ampliar e garantir direitos. E para isso, é mister considerar que existem direitos “incompressíveis”, ou seja, aqueles que ninguém pode retirar, sob pena de que a própria humanidade esteja a perigo de mutilação em cada um de nós.

Num trecho de seu famoso diário, a escritora negra brasileira Carolina Maria de Jesus narra as agruras da vida na pobreza. Ela diz: “Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as miserias são reais. ...O que eu revolto é contra a ganancia dos homens que espremem uns aos outros como se espremesse uma laranja.”

Que essa revolta lúcida das palavras de Carolina Maria de Jesus não se apague, convertendo-se no farol de quem deseja imaginar um novo tempo, uma nova vida, uma nova esperança. Que este livro se converta em apenas mais um passo de uma caminhada que gere novos cursos, novas pesquisas, novos encontros.

Boa leitura!